



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SECULO

UM "RALLYE-PAPER" NA FLORESTA

Desenhos de A. CASTANÊ
Por ANÃO SABICHÃO

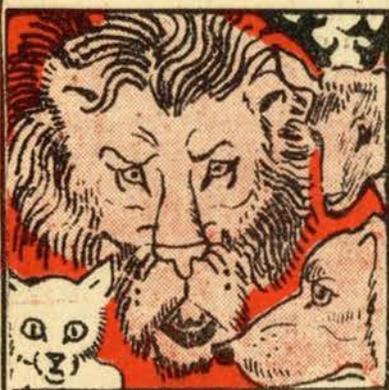
VOU, hoje, entreter os meus amigos com uma história, das muitas que trouxe da floresta para os divertir.

Era já primavera quando este caso aconteceu.

Assim como as pessoas, por esse tempo, gostam de sair das suas casas, para gozar o ar puro, as árvores com os seus rebentos e as flores que desabrocham, assim também os animais saíam das tocas, onde estiveram encafuados todo o inverno e, cheios de contentamento, veem cá para fóra, festejar aquela ressurreição da natureza.

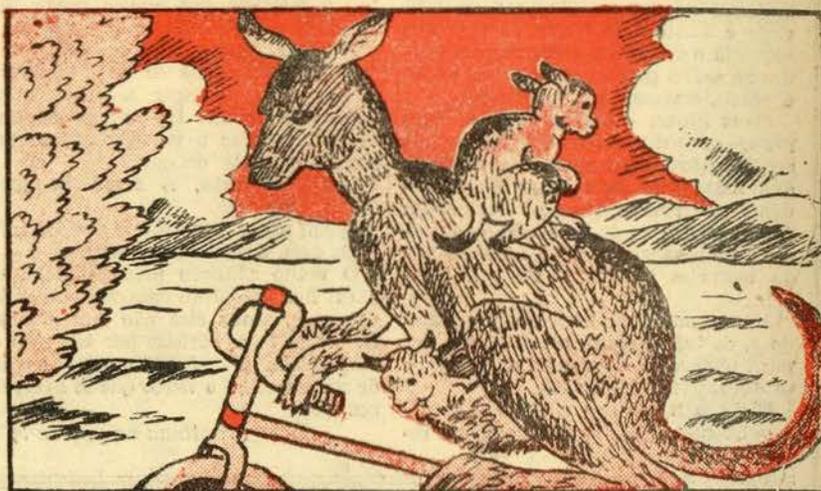
Foi, portanto, numa primavera que dei com eles numa clareira da floresta, a discutirem a melhor maneira de celebrar o alegre acontecimento.

— Cá por mim, — dizia a cobra, — proponho uma caçada ao leão. É um divertimento interessante e eu sempre tenho uma fome!... —



— Nada! Nada... exclamou o leão.
— Mais vale caçar o veado... A sua carne alimenta mais e eu ando com o estômago fraquíssimo!... —

— Porque não havemos antes de ir



em cata de algum cão? — exclamou o veado. —

Nós achamos tão agradável aquele jogo de os ferir com as hastes!... —

— Pois eu gosto bem mais de dar cabo de gatos... — disse o cão. —

— E porque não havemos de saborear algum ratinho?... — miou o gato.

O rato, esse, achou mais prudente não responder e deu às de Vila Diogo.

Uma senhora kangurú que era muito espertalhona tomou, então, a palavra:

— Camaradas, pelo que tenho ouvido, todos vocês gostam muito de caçar, contanto que apanhem a caça que lhes convém para encher a barriguinha!... Tenham paciência que lhes diga, que se o rato é comido pelo gato, se o gato é morto pelo cão, se o cão é espatifado pelo veado, se o veado é devorado pelo leão, se o leão é asfiziado pela cobra, a festa, nem por isso, deve ser muito divertida!

— Lá isso é verdade! — concordaram todos.

— Vou fazer-lhes uma proposta. Em

lugar de organizarem uma caçada em que podemos sofrer o risco de ser comidos, vamos antes fazer uma caçada só para brincar.

É o que os homens chamam um «rallye-paper».

Este jogo é assim: um de nós corre pela floresta e vai deixando cair, pelo caminho, de vez em quando, uns papelinhos que servirão para se achar a pista. O que chegar lá primeiro é o vencedor.

Que dizem vocês a isto? —

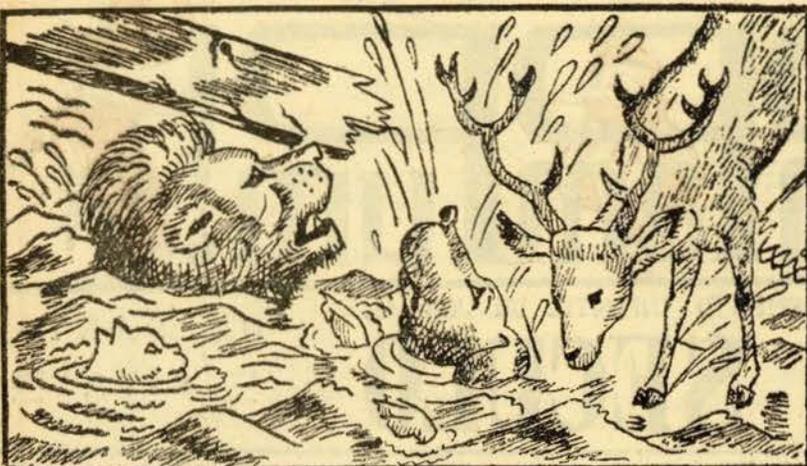
O veado, o cão e o leão, que tem boas pernas, aceitaram logo.

Agora o gato e então a cobra que se arrasta tão lentamente, esses recusaram, indignados.

Mas a maioria venceu e a corrida decidiu-se.

Foi a senhora Kangurú encarregada de ser o animal que os caçadores perseguiriam.

Ora esta kangurú já tinha viajado muito e trouxera duma cidade uma bicicleta.



Te lembres muito de mim,
E, em paga desta lembrança,
Encantadora criança
Não sejas nunca ruim,

Sê boa p' rós póbresinhos,
Infelizes, coitadinhos,
A quem falta às vezes pão.
Dá-lhes sempre com a esmola,
Que os ajuda e que os consola,
Um pouco do coração.

Não tenhas nunca vaidade,
Sê modesta. A humildade
Só merece simpatia.
Não faças mal a ninguém,
Quando possas fazer o bem
Se queres ter alegria,

Montou nela, pôs um dos seus meninos na sua bolsa de pele, como se fôsse dentro dum cestinho, pôs o outro às costas e partiu.

Levava meia hora de dianteira.

Mais veloz que o vento, seguiu por uma data de carreiros, e um dos filhos ia espalhando os papelinhos.

Passaram, assim, uma colina, depois um vale, mas, a uma certa altura, a kangurú desceu rapidamente da bicicleta e avistou, ao longe, os cães que seguiam o seu rasto, atrás déles o leão, dando saltos prodigiosos e, mais atrás, o veado, correndo a bom correr.

Meus filhos, — disse a senhora kangurú, — nós vamos mas é tratar de não sermos apanhados, porque o ar feroz que lhes vejo, faz-me ter medo dos dentes do leão e dos dos cães, assim como das hastas do veado. Não nos vamos nós arrender de nos termos fiado naqueles amigos!... Para a frente!... —

Mas os outros vinham-se aproximando e, de tal maneira, corriam, que era para temer que os receios da kangurú se tornassem realidades.

Nisto, esta chegou a um rio...

— Se não temos aqui uma ponte es-

tamos perdidos! exclamou, muito apreensiva.

Ponte não havia mas havia uma tábuasinha que o atravessava,

Que fazer?

Se a tábua seria sólida?

Era muito duvidoso, mas não podia perder tempo em hesitações.

E a senhora kangurú, intrépida, meteu a bicicleta por aquela ponte tão frágil.

A tábua rangeu, mas resistiu.

A kangurú, mais os seus meninos, conseguiram alcançar a outra margem, exactamente na ocasião em que os animais que a perseguiam, chegavam á que ela deixara.

Muito inquieta, a nossa kangurú olhou para trás.

Quem iria, agora, passar atrás dela?!

Os cães, o veado ou o leão?

O veado avançou primeiro, logo os cães lhe quiseram passar entre as pernas e, ainda eles não iam a meio do rio, o leão, furioso por ter sido o último, deu um salto formidável e caiu de chôfre, sôbre o veado que se agarrou aos cães.

(Continua na pagina 3)



'Ama os livros. A leitura
Traz quási sempre a ventura
A quem a sabe escolhêr.
Um bom livro é um tesoiro,
Vale bem mais do que o oiro,
Porque nos dá mais prazer.

'Adora os irmãos, os pais,
Não há quem te estime mais,
Te queira com tal amor.
Trá-los dentro do teu peito
Com carinhoso respeito,
Ama-os com todo o fervôr.

Mas são horas de deixar-te;
Vou levar a outra parte
Brinquêdos que prometi;
E se fôr's obediente,
Bondosa p'ra toda a gente,
Para o ano volto aqui.

O meu afecto sincero,
O amor com que te quero,
A carta mal o traduz.
Venturas mil te deseja
Este amigo que te beija,
O teu Menino Jesus.

Natal de 1934

(Pela cópia : Maria Berta)

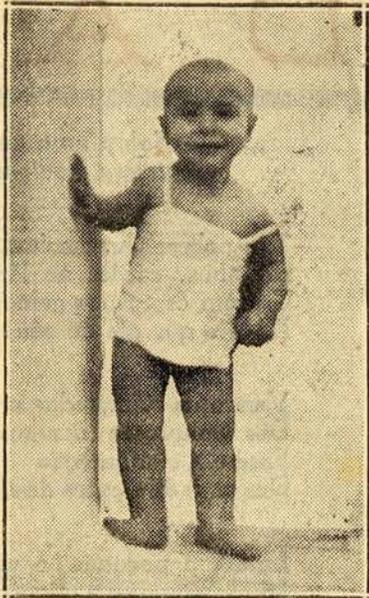
CARTA DO MENINO JESUS

Enquanto estás a dormir,
Sossegadinha, a sorrir,
Com os anjos a sonhar;
Formosa Maria Helena,
Meiga e querida pequena,
Desci p'ra te contemplar,

O teu suave sorriso,
— Céu aberto, o Paraíso, —
Irradia tal doçura,
Tanta bondade e pureza,
Que faz fugir a tristeza,
Enche as almas de ternura.

Venho deixar-te brinquedos
Para que nos teus folguedos





MARIA MANOELA

POR MARIA ALDA NEVES
DA GRAÇA MIRA

Quando esta manhã a Manoelita veio visitar-me a primeira coisa que fez foi estender-me a mãosinha, entregando-me o seu retratinho. Agradei a gentil lembrança, cobrindo-a de beijos.

Sentando-a no meu cólo, passei a mostrar-lhe a bonecada do «Pim, Pam, Pum», o interessante Suplemento infantil que acabara de ler e pelo qual tenho especial simpatia, não obstante haver passado, há muito, á categoria de *menina grande*.

Manuelita, muito entusiasmada, apontava com o dedinho aquelas estampas que mais lhe despertavam a atenção, merecendo-lhe especial interesse um cãozinho que ilustrava uma engraçada história.

Explica-se este interesse:

A Manuelita tem um cãozinho — o Toy — ao qual dedica a maior e mais justificada simpatia.

«Toy», com uma paciência de que só um cãozinho é capaz, suportava, sem um queixume, sem um protesto, as travessuras de que a Manuelita o fazia vítima antes do sucesso que adiante se relata.

Certa manhã, a Manuelita, aproveitando um rápido afastamento da mãisinha, lançou a mão a um lâmpada onde estavam preparando a sua primeira refeição e deixou-a cair, resultando pegar-se o lume a uns papeis que estavam próximos.

UM "RALLYE - PAPER," NA FLORESTA

(Continuação da página 2)

O embate foi tal que a tábua estorou e todos eles vieram parar ao rio.

A senhora kangurú achou o espectáculo tão divertido que desatou a rir, ao vê-los, aflitíssimos, dentro da água a morderam-se, ferozmente, uns aos outros.

— Vamo-nos embora, meus filhos! — disse ela. — Escapámos de boa! Nunca devemos brincar com o jôgo e pensarmos que podemos ser amigos do lobo, quando somos cordeiros! —

Foi com estas palavras tão sensatas que a boa da kangurú fugiu dali, e foi para que os meus meninos meditassem bem sobre a sua significação, que o vosso amigo Anão vos contou esta história, a que acharam uma certa graça, não é assim? —

■ F I M ■

ADIVINHA



Vejam se descobrem onde está o Pai Natal

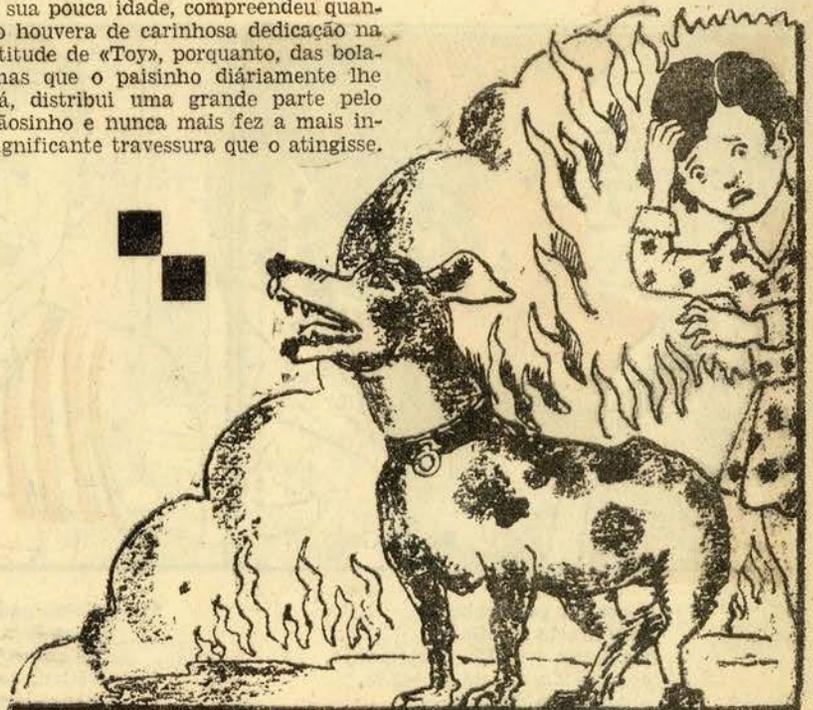
«Toy», como que prevendo o perigo que para a sua pequenina dona poderia resultar dêste incidente, numa correria louca, latindo furiosamente, dirigiu-se para o sítio onde estava a mãe da Manuelita, como que a preveni-la.

Nada resultou, porém, desagradável dêsse incidente, possivelmente devido á rápida e oportuna intervenção do bom «Toy».

Parece que a Manuelita, não obstante a sua pouca idade, compreendeu quanto houvera de carinhosa dedicação na atitude de «Toy», porquanto, das bolachas que o paisinho diariamente lhe dá, distribui uma grande parte pelo cãozinho e nunca mais fez a mais insignificante travessura que o atingisse.

Tão pequenina, cultiva já Manuelita, com verdadeiro amor, essas delicadas flores que se chamam *Bondade e Gratidão*. Não é, portanto, difícil vaticinar que está em pleno desenvolvimento para o Bem esse pequenino coração — o lindo coração de Manuelita.

■ F I M ■





Há dias, a Mimosinha
Quiz comprar uma boneca,
E uma linda carrocinha
Quiz, também, o mano Zéca!

De brinquedos um montão,
Teem ambos no seu lar;
Mas é uma tentação
Quando passam no Bazar!

A mamã faz a vontade
Aos dois filhos, e lá vão
Todos três para a cidade
Ao Bazar da Tentação...

A bonequinha lá estava
Rosadinha qual romã...

Os seus olhinhos fechava,
E até dizia: — «Mamã!»

Mimosinha, que contente,
Ao vê-la já nos seus braços!
Beija-a toda, loucamente,
Ajeitando-lhe os seus laços!

Compra o Zéca a carrocinha
Desejada ardentemente;
Como a mana Mimosinha
O mesmo júbilo sente.

Da sua casa, a caminho,
Vão dois pequenos, também;
Pobres de pão e carinho,
Ao lado de sua mãe.

D A D ! . . .

«Sobre uma palestra recitada na Secção Cultural infantil da Emissora Nacional pelo Sr. Augusto de Santa-Rita.»

Tão pobresinhos, coitados!
Rotinhos, carnes ao léo!
Trazem os corpos gelados
Do frio que cáí do céu!

Vendo os brinquedos na mão,
Dos venturosos meninos,
Fazem a comparação
Dos seus diferentes destinos!

Então, a pequena, a mêdo,
Diz á mãi quási a chorar:
— «Minha mãi, dá-me um brinquedo,
«Para com êle eu brincar.

Diz o pequeno, também,
Numa súplica, sem fim:
— «Dá-me, também, minha mãi,
«Uma carrocinha assim.»

E a pobre mãi, soluçando,
Chega-os ao seu coração:
— «Como posso, filhos, quando
«Nem me chega para o pão?!

Ao ouvi-la, a Mimosinha,
E o Zéquinha, seu irmão,
Olharam para a Mãisinha,
Tomados de compaixão!

Logo, ambos, em dois segrêdos,
Dizem, assim, á mãisinha:
— «Nós temos tantos brinquedos,
«E esta mãi tão pobresinha!...

— «Vê como andam tão rotinhos,
Diz a Mimi para a mãi...»
— Devem ser tão pobresinhos
(Murmura o Zéca, também...)

— «Eu dou a minha boneca!»
(Diz á mãi a Mimosinha,)
Em seguida diz o Zéca:
— «E eu vou dar a carrocinha!»

— «Bendito sejas, meu Deus!
(Diz a mãi, olhando os filhos)
«Que guiais os filhos meus,
«Da Bondade nos seus trilhos!



— «Dai, meus filhos! Fazer bem
«E' acto de alta nobreza!»
— «Bem hajas ó nobre mãi,
«Que alegrais esta pobreza!

«Que Deus cubra de ventura
«os vossos filhos queridos;
«Dando-lhe á vida futura
«Todos os bens merecidos.

Como o Zéca e a Mimosinha
Procedei, meus leitorsinhos!
Já que o Natal se avizinha,
Lembai-vos dos pobrezinhos.

Tendes brinquedos a mais?
Dai-os a quem os não tem,

Pois felizes são os pais,
Quando os filhos fazem bem.

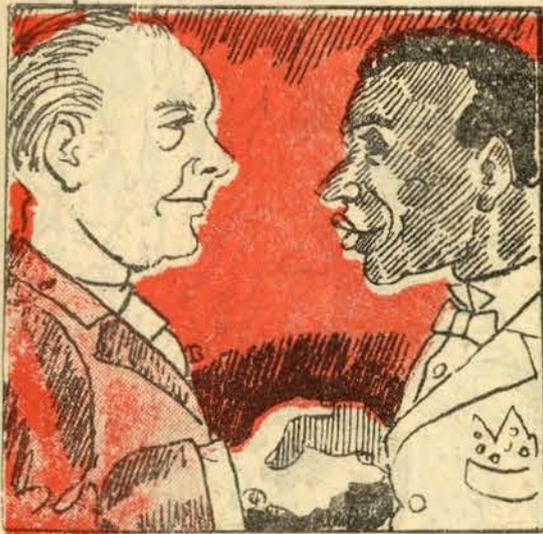
Se tendes fatos usados,
De que vos podem servir?
Há meninos desgraçados,
Que não têm que vestir!

Esmola da vossa mão
Mandai todos sem tardança;
Para a nobre comissão,
Do festival da Criança.

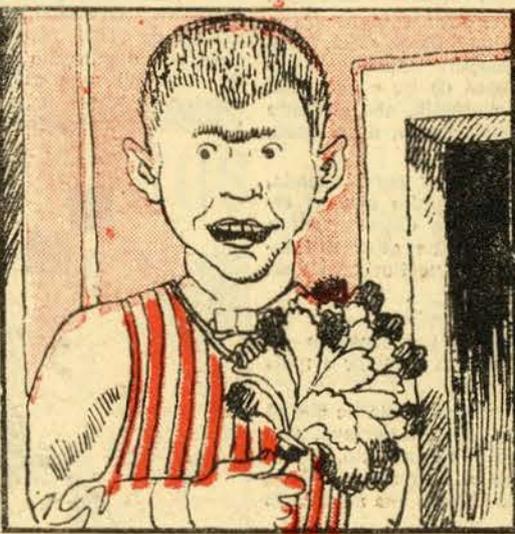
A paga vos chegará
Tão certa como a Verdade.
Deus vos recompensará,
Pela vossa Caridade.

ZÉ D'ALDEIA

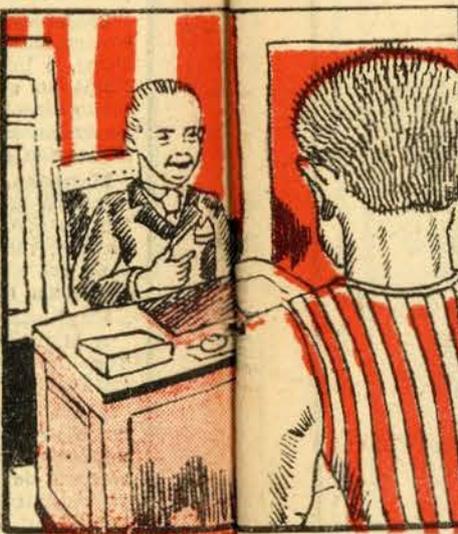
A P A R I Ç Ã O I M P R E V I S T A



I — O grande comerciante José Maria Baptista, fecha um negócio, importante, com Zé Torrão de Alicante, abastado africanista.



II — Combinada a assinatura, para depois do Natal, da respectiva escritura, retirou-se a criatura das colónias natural.



III — Tendo em pouco tino, nesse dia, recomendado Maria: — «Mal chumpru, manda em acto continuo.



IV — Um quarto d'hora passado, logo ao patrão: — «Meu senhor...» — (murmura o boçal criado:) — «Eis o sujeito de côr, por Vocelência esperado.»



V — Mas, em lugar do africano, aparece o carvoeiro dizendo com ar ufano: — «Boas festas, cavalheiro, e uma bela entrada d'ano!»

ACÇÃO NOBRE

POR ARGENTINITA

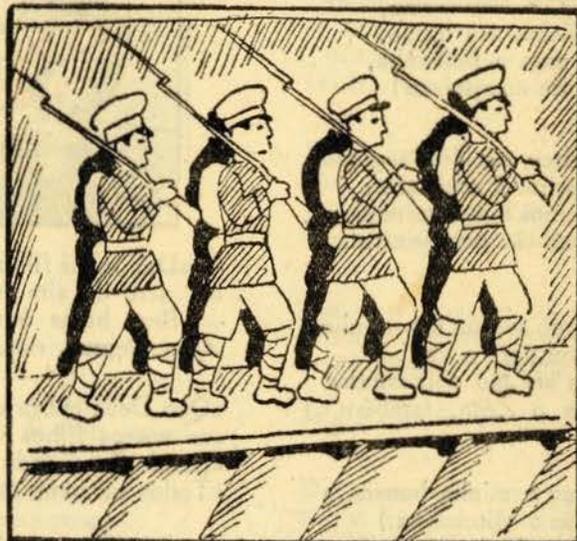
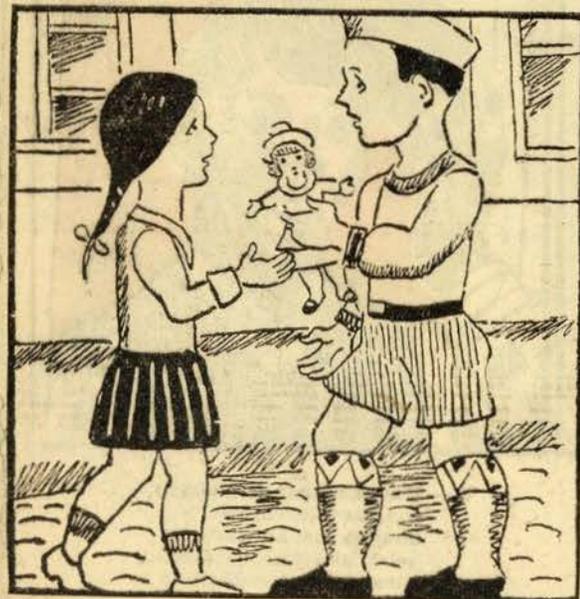
VÉSPERA de Natal, o excelso dia em que o Menino Deus à terra vem, dar brinquedos, bonbons, dar alegria aos bebézinhos que se portam bem.

Em frente da vitrine dum bazar, eis que pára uma pobre criancinha. E logo se lhe prende o triste olhar numa engraçada e grande bonéquinha.

— Como é linda! — (Murmura a inocente) — Quem ma dera embalar em meus bracetos, beijar seu lindo rosto docemente e seus olhos azuis, ai tão bonitos!...

Logo um sorriso vem iluminar o gentil rostozinho da criança, cujo coraçãozinho, a palpitar, acalenta a suave e doce esp'rança

do Deus menino, (que ela amava tanto) à noite, lhe depôr no sapatinho a linda bonéquinha, o doce encanto do seu pequeno e bom coraçãozinho.



Subitamente, junto à montra, pára um garoto com gestos delicados, o qual, vibrante de emoção, repara numa caixa repleta de soldados.

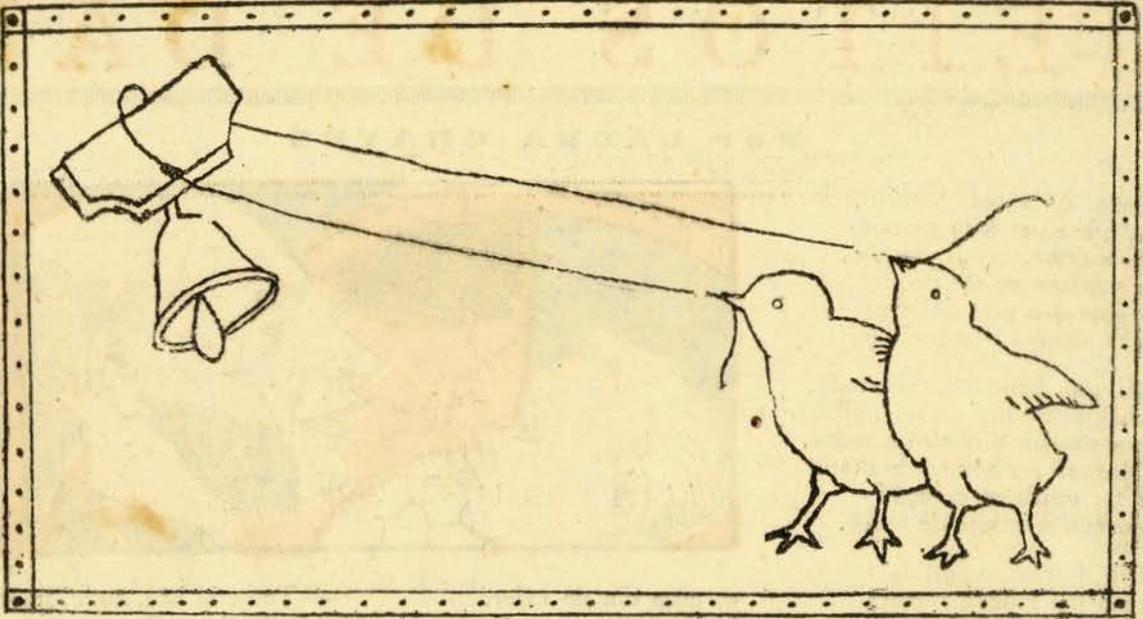
Logo o menino se dirige, então, a comprar o brinquedo, alegremente. Entretanto, desperta-lhe a atenção o quadro, encantador e comovente,

da pobre pequenita que não cansa de fitar a boneca com tristeza; e, então, sem hesitar, logo a criança tem êste gesto cheio de nobreza:

— Troca pela boneca, tão querida, seus soldados e põe-a em seus bracetos; enquanto, numa triste despedida, olha, uma vez ainda, os soldadinhos.

Ante a alegria da garota pobre, então, sente em su'alma extranha luz, enquanto, lá dos céus, vendo a acção nobre, sorri, alegremente, o bom Jesús!

F I M



O CESTINHO DA COSTURA

Queridas pequeninas:

PINTAINHOS atrevidos puxam a corda dum sino que toca, toca, toca, tangido pelas avesinhas tão pequeninas!

Engraçado quadro! E bonito desenho para os vossos bordadinhos.

Vamos lá a vêr como hayemos de executá-lo. As que forem mais habilidosas podem fazer o seguinte:

Bordam em preto (e para isso escolhem linhas que não desbotem) o sino e as correntes que o seguram.

Depois tiram, novamente, para um papel o desenho dos pintainhos, passam-no sobre qualquer tecido amarelo, como seja a flanela, linho, ou outro qualquer apropriado. Recortam, então, esse tecido que aplicam, exactamente, sobre os pintainhos que estão desenhados na peça a bordar, pregando-os com um caseado fininho.

Para as que quizerem um bordado mais simples, fazem, apenas, o ponto cadeia em amarelo. Também fica bonito.

Abraça-as a todos a

ABELHA MESTRA

PARA OS MENINOS COLORIREM O NOSSO CONCURSO EPISTOLAR



Queridos amiguinhos

Muito boas-festas e muitos beijinhos a todos.

Meus queridos pequeninos: — estou vendo, daqui, as vossas carinhas ansiosas e faz-me pena saber que, alguns, ficarão tristes.

Mas, peço-lhes — por tudo lhes peço! — que não desanimem, porque manifestaram muito jeltinho e boa vontade e a todos darei o prêmio, — embora modesto — da minha amizade sincera.

Foram premiados na

1.ª IDADE

Menina Antónia Josete dos Santos Guimarães. 9 anos, Rua Antónia Andrade, 7, 2.ª, Dto. Lisboa.

Menino Chiquito Mendes Ribeiro, 8 anos de Oleiros-Estreiro.

2.ª IDADE

Menina Severina Mendes Filipe, 11 anos Avenida da Liberdade, 190.

Menino Afonso Antunes de Castro, 14 anos, de S. João do Campo.

Muitos parabens, Antónia Josete, Chiquito, Severina e Afonso!

No próximo numero será publicada a lista com o nome dos signatários das cartas classificadas em primeiro lugar.

Os meninos premiados devem enviar as suas fotografias, — (à excepção do Chiquito, que já enviou a sua), — para serem publicadas e publicadas serão, também, as cartas respectivas.

Todas as cartinhas que me enviaram, ficarão sempre comigo carinhosamente, e, a todos os queridos meninos de Portugal agradeço as boas palavras que me dirigiram.

Serei sempre muito vossa amiguinha e a todos peço, mais uma vez, que continuem estudando e sendo obedientes e bons, para que não se entristeça a amiguinha e madrinha
Graciette

JEITOS DE DAR

Por LAURA CHAVES

João, ou antes, Joanico, não era um ente perfeito pois tinha, como vão ver, a vaidade de ser rico, o que é o pior defeito que alguém rico pode ter.

Ao pai, banqueiro abastado, chamavam-lhe «o rei milhão» por possuir dinheiro a rodos, Mas por ser homem honrado e ter um bom coração gozava a estima de todos.

Era, porém, repartida essa tão grande riqueza que o seu trabalho ganhara, pois passava a sua vida a socorrer a pobreza, os que a sorte desampara.

Ele tinha, ao ser serviço, gente para procurar a pobreza onde ela estava; mas ninguém sabia disso, pois gostava de ocultar a mão que a esmola entregava.

Em quanto lar póbrezinho, onde tudo era preciso, as esmolas enviadas, num gesto todo carinho, mudavam a dor em riso como nos contos de fadas.

O filho não era, assim, de sentimentos tão nobres. Tudo e todos desprezava, chegando a ser mau, ruim, com os humildes, os pobres, que nem de longe fitava.

O banqueiro era senhor duma bonita vivenda, chamada Chão de Loredo.



e, num dia de calor, foram comer a merenda ali, sob o arvoredado,

num automóvel de luxo, de boa marca, escolhida, dos que correm muito bem, seguiam, o cão Repucho, a malinha da comida, o pai, o filho e a mãe.

Quando estavam merendendo petiscos de cozinheiro, desses que a riqueza come, viram que os estava olhando um mendigo, um caminheiro, que tinha cara de fome.

— Vai levar, ao desgraçado, pão, mel e meia galinha — disse o banqueiro ao pequeno que ficou mesmo danado, exclamando em voz baixinha: — Só cá faltava êste empeno!

Mas teve de obedecer. De péssima catadura, cheiinho de má vontade, lá foi levar o comer á pobre da criatura, dizendo-lhe com maldade:

— Tome lá isto, ande, tome, a galinha, o pão, o mel, e o resto que vem aqui; o meu cão já não tem fome e são os sobejos dele o que trouxe para si.

O pai, que a tudo isto assiste, viu córar o maltrapilho sob êsse insulto brutal e numa voz grave, triste, murmurou com mágua: — Filho, tu andaste muito mal!

O dar também tem preceito. E' preciso saber dar e pouca gente o percebe. Tem de se fazer com jeito, de maneira a não vexar a pessoa que recebe.

Que nunca seja olvidada do que acabo de contar, essa moral tão bonita! Um gesto não vale nada, só se pode apreciar se um bom sentimento o dita.

F I M

